
AS RELAÇÕES ENTRE AUTORES DE LIVROS DIDÁTICOS E EDITORAS: O CASO DE SERGIPE E DO MANUAL *SERGIPE NOSSA HISTÓRIA*

Kléber Rodrigues Santos
Mestrando em Educação/Universidade Federal de Sergipe
kleberrasantos2004@ig.com.br

Kleber Luiz Gavião Machado de Souza
Mestrando em Educação/Universidade Federal de Sergipe
kleberluiz.ufs@gmail.com

Diogo Francisco Cruz Monteiro
Mestrando em Antropologia/Universidade Federal de Sergipe
diogocruz_21@yahoo.com.br

Introdução

Este trabalho baseia-se em entrevistas com os autores de livros didáticos de História de Sergipe e que foram reunidas no site *Memorial do livro didático*, projeto que teve início em 2008 e terminou em abril de 2010.

O site funcionou como núcleo de divulgação de pesquisas acadêmicas e de debates sobre o livro didático. Um dos pilares desse site era a catalogação dos manuais que passaram pelas “terras de Serigy” e que se encontram nos arquivos e bibliotecas públicas e privadas de Sergipe.

Além disso, o *Memorial do livro didático* também tinha a intenção de reunir áudios e transcrições de depoimentos extraídos de entrevistas com alguns dos personagens que estiveram envolvidos nas experiências relacionadas à trajetória dos manuais didáticos no Estado de Sergipe, entre eles, alunos, professores, autores, editores, gestores dos órgãos oficiais do sistema educacional que regulamentavam a produção e a circulação desses objetos materiais de cultura.

Essas entrevistas serviram para trazer à tona os itinerários de produção, circulação e uso dos manuais didáticos produzidos no estado, informando o que esses escritos produzidos em âmbito local falavam sobre as disciplinas escolares, os currículos e sobre os conteúdos escolhidos em cada época.

A necessidade de resgatar, tratar, catalogar e aglutinar livros e depoimentos orais em um espaço de pesquisa apropriado foi o que moveu os autores desse projeto em suas

buscas por arquivos, bibliotecas, acervos particulares e na procura também de seus autores de produção espalhados pelo nosso território.

Ao final desse projeto, conseguimos coletar informações valiosas sobre a produção de livros didáticos em Sergipe. As entrevistas mostram os usos dos materiais didáticos pelos alunos, a perspectiva dos autores sergipanos sobre assuntos como a relação entre o Estado e autor, a relação entre autor e editoras, a concepção de ensino de História, entre outras temáticas importantes.

O objetivo deste artigo é compreender a relação entre autores de livros didáticos e editoras a partir de um caso específico, o livro *Sergipe Nossa História*, de autoria dos professores Marcos Vinícius Melo dos Anjos e Antonio Wanderley de Melo Corrêa.

Referencial teórico

Em nosso referencial teórico utilizamos o entendimento que o professor Itamar Freitas (2009) traz sobre o livro didático, o que pode nos auxiliar bastante na escrita deste artigo:

Livro didático é, portanto, um artefato impresso em papel, que veicula imagens e textos em forma linear e sequencial, planejado, organizado e produzido especificamente para uso em situações didáticas, envolvendo predominantemente alunos e professores, e que tem a função de transmitir saberes circunscritos a uma disciplina escolar (FREITAS, 2009, p.14).

Como estamos tratando de produção didática regional, adotamos a definição do PNLD que classifica o livro didático regional como “aqueles que pretendem trabalhar com a História, delimitando um recorte espacial, podendo ser uma capital ou um estado do país” (BRASIL, 2007, p. 21).

A análise da produção acerca dos livros didáticos permite a observação de várias possibilidades de pesquisa, pois, como afirmou Circe Bittencourt (2004), o livro escolar é um objeto de “múltiplas facetas”, estudado “enquanto produto cultural, como mercadoria ligada ao mundo editorial e dentro da lógica de mercado capitalista, como suporte de conhecimentos e de métodos de ensino das diversas disciplinas e matérias escolares e (...) como veículo de valores, ideológicos ou culturais.”

Ao pretendermos coletar e sociabilizar dados sobre a produção, circulação, usos e apropriação de manuais escolares, privilegiaremos como fonte de investigação a memória, um “conjunto de documentos que acontecem estarem dentro da cabeça das

pessoas e não no arquivo público” (SÁ, 2005, p.45). A memória também se configurará enquanto “monumento que conserva e evoca a lembrança” (FREITAS, 2007, p.101).

A relação entre história e memória é uma das grandes discussões teóricas que tem se imposto a várias gerações de historiadores, pois estrutura os fundamentos e objetivos do fazer histórico.

A memória não pode mais ser vista como um processo parcial e limitado de lembrar fatos passados, pois, num processo complexo, ela se apóia na construção de referenciais de diferentes grupos sociais sobre o passado e o presente, respaldados nas tradições e ligados a mudanças culturais. Já a história, não pode ter a pretensão de estabelecer os fatos como de fato ocorreram (BRAGA; FREITAS, 2010, p.1). Nem a epistemologia da verdade que rege os estudos historiográficos e o regime da crença que conduz a fidelidade da memória podem ser tratados com superioridade ou inferioridade em relação ao outro (CHARTIER, 2009, p.24).

Neste particular, será de grande relevância o emprego dos procedimentos teórico-metodológicos da História oral, “método de pesquisa histórica, antropológica e sociológica, que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram de, ou testemunharam, acontecimentos, conjunturas, visões de mundo, como forma de se aproximar do objeto de estudo” (ALBERTI, 1990, p.1-2).

Para escrever sobre autores de obras didáticas é preciso ter noção do que é um autor de um livro. A autoria e suas condições básicas continuam muito obscuras na maioria dos períodos históricos. Sobre tais condições, Robert Darnton nos oferece questionamentos importantes que estão em consonância com o objetivo deste artigo:

Em que ponto os escritores se libertaram do patrocínio dos nobres ricos e do Estado, para então viverem de suas penas. Qual a natureza de uma carreira literária, e como era conduzida? Como os escritores lidavam com editores, gráficos, livreiros, resenhistas e com os próprios colegas? (DARNTON, 2010, p.208).

Será de suma importância compreender a noção de autoria. Para isso, é preciso nos voltarmos para o questionamento do que é um autor. Segundo Foucault, autor é aquele a quem se deve uma obra, um indivíduo pelo qual, através de seu nome, pode lhe atribuir autoria a um texto. Neste sentido, o filósofo francês emprega o termo “função-autor”, que não se constrói pela simples atribuição de um texto a um indivíduo com poder criador, mas se constitui como uma *"característica do modo de existência, de*

circulação e de funcionamento de alguns discursos no interior de uma sociedade" (FOUCAULT, 2001). O termo ajuda a entender como um discurso é recebido, numa determinada cultura, recebendo certo estatuto de poder e autoridade. A função-autor seria o ponto de balizamento que o nome do autor apresenta na ordem dos discursos.

A relação entre editoras e os autores no Manual *Sergipe Nossa História*

O manual *Sergipe Nossa História* é uma obra recente dentre as poucas e esparsas iniciativas de livros didáticos que tratam do nosso Estado (cf. FREITAS, 2007, p.57-61). É um projeto de autoria de Antônio Wanderley de Melo Corrêa, Marcos Vinícius Melo dos Anjos e Luiz Fernando de Melo Corrêa e está em sua quarta impressão e continua sendo divulgado e distribuído pelos próprios autores nas escolas públicas e particulares.

A obra se insere no esforço de democratizar os conteúdos políticos, econômicos, sociais, culturais e históricos sobre Sergipe, despertando, a partir da infância, o sentido de cidadania e do amor a nossa terra.

Em entrevista com o professor Marcos Viníciusⁱ, foram dados detalhes do percurso da obra, que até ser publicada percorreu um árduo caminho, passando pela recusa das grandes editoras até a falta de apoio do próprio estado. Neste sentido, foi de grande proveito a utilização dos procedimentos metódicos da História Oral.

A primeira versão de *Sergipe Nossa História* começou a ser produzida em 1996 e foi finalizada em 1997. A produção do texto foi motivada pela proposta feita por um representante da editora Scipione em Sergipe que, após ter procurado os professores do departamento de História da Universidade Federal de Sergipe e recebido respostas negativas, sugeriu ao professor Marcos Vinícius que escrevesse um livro didático de História de Sergipe. Ele explica como foi a articulação feita com os professores Antonio Wanderley e Luiz Fernando Melo após terem recebido a proposta:

Ai foi quando eu disse: “me deixa conversar com o Wanderley”.Aí, conversando com o Wanderley: “Wanderley, a proposta é essa. A gente tem fôlego, vamos chamar Luiz e vamos conversar”.Como a gente já tinha alguma coisa escrita então o que a gente fez: fomos conversar com o representante da Scipione... “dê um prazo. A gente vai pesquisar e vai tentar”. Aí em 96, começamos a pesquisar e em 97 o material ficou pronto. História, Geografia e Cultura (ANJOS, 2008).

A primeira versão, segundo Marcos Vinícius, possuía por volta de 70 capítulos, produzidos no calor da possibilidade de ter um material publicado. Recebido o texto pela editora Scipione, começam as primeiras alterações para transformar o texto em mercadoria didática:

Aí quando foi pra editora, o pessoal gostou, mas disse o seguinte: “cultura não interessa, tire, porque não vai vender”. E a gente ficou... tanto trabalho... e o que vai interessar é só História e Geografia. “Faça o seguinte: um livro só não dá. Separe em dois porque a gente vende duas vezes”. A visão do financeiro, né? (ANJOS, 2008).

Os autores seguem as orientações e reenviam o material em 1998, mas aconteceria a primeira decepção no caminho da publicação e a peregrinação pelas outras editoras:

Aí a Scipione entrou em uma política de não fazer publicação de regional. Aí disse: “não vamos fazer publicação de regional, o material de vocês tá bom, mas não tem como fazer nada. Resolvemos levar na Ática. Aí conversamos com Bené da Ática, e o Bené mandou o material pronto pra São Paulo. Acharam interessante. Teve um camarada da Ática que veio aqui m Aracaju, sentou coma gente, conversou e pediu uma outra reformulação no livro, arrumasse separado História de Geografia. Quando as coisas estavam começando avançar no processo de negociação pra publicação a Ática fez a fusão com Scipione...aí eles pediram desculpas e ai volta o material pra gente. Procuramos a Moderna. A Moderna...e isso eles passaram cerca de seis meses pra analisar e mandar a resposta. Aí a Moderna passou uns quatro, cinco meses com o material e quando mandou a resposta, foi dizendo que o material era muito bom mas que era muito difícil que a gente arranjasse patrocinadores aqui. Que se arranjássemos patrocinadores que bancassem a impressão eles tinham interesse (ANJOS, 2008).

O material ainda passou pela editora FTD e recebeu a resposta semelhante. E quando perguntado se essa recusa em publicar o material seria consequência da concepção de que um livro sobre um estado pequeno como Sergipe não venderia, o professor, resguardando nomes, responde e continua falando sobre o que foi oferecido como contra-proposta a essa recusa:

Teve um deles... não o representante daqui...o pessoal da própria editora, que disse que o material era muito bom mas que o estado de Sergipe era pequeno e não venderia a quantidade que eles queriam, mas que se a gente quisesse escrever a História da Bahia eles publicavam . E a nossa resposta é que nós somos sergipanos. Foi uma coisa até assim... anti-ética. Porque é inadmissível... tem gente que publicou...que não era daqui, não viveu aqui e que fez publicação sobre o material daqui. Cada qual com a sua consciência (ANJOS, 2008).

Recentes análises historiográficas têm considerado os livros regionais como obras de baixa qualidade. Em geral, esses manuais são discriminados por não contemplarem os avanços das pesquisas históricas e pedagógicas e por desprezarem as diretrizes para a escrita e para a editoração eletrônica dessa tecnologia educacional (BRASIL, 2006).

A qualidade desses livros também se justifica pelo desestímulo das editoras, que fazem poucos investimentos em melhorias, por considerarem muitos estados como espaços insignificantes em termos mercadológicos (FREITAS, 2009, p.10-11).

O depoimento do professor Wanderley mostra a visão que as editoras tem sobre o mercado de livros didáticos em Sergipe:

Naquelas longas negociações (1996 a 2004) fomos percebendo como funciona o mercado editorial didático dos grandes centros (eixo Rio- São Paulo). A lógica do capital é o fundamento. Eles produzem mercadoria para ser vendida na maior amplitude possível. Recebemos rasgados elogios, mas os nossos livros não foram publicados. Entre avaliar, editar, divulgar e publicar um livro sobre Sergipe ou sobre a Bahia, adivinhe qual seria a escolha? (CÔRREA, 2008).

Os trechos dessas entrevistas mostram o desinteresse das editoras pelas publicações didáticas de história de Sergipe. É só no ano de 2000 que a situação sofre uma reviravolta e os autores em parceria com a Secretaria de Educação de Laranjeiras produzem e publicam, como colaboradores, material didático sobre a História e Cultura da cidade de Laranjeiras.

A partir desse momento, os autores são convidados a produzir um livro a partir desse material e em 2003 surge *História de Sergipe para vestibulares e outros concursos*, que teve duas tiragens lançadas. O material atendia a uma demanda nas escolas sobre História de Sergipe para o vestibular. A vantagem para os autores estava no menor custo de produção. Mesmo assim, do ponto de vista de retorno financeiro, a obra esteve próxima de render prejuízo:

Ai fizemos uma primeira tiragem. Conseguimos uma gráfica que o cara acreditou no projeto. Parcelou o valor da tiragem. A gente teve um custo... só pra vocês terem a idéia de que a coisa não é tão simples...a gente teve um custo entre diagramação e publicação de nove mil reais.Sem botar combustível, essas coisas... Mil exemplares. Ai a gente foi vender cada exemplar por dez reais. Tirando os custos de almoço e combustível, o lucro

que ficou pra mim e Wanderley da primeira tiragem foi de trezentos reais para cada um em dinheiro de hoje. Então a gente não ficou com dinheiro nem para fazer a segunda tiragem (ANJOS, 2008).

Apenas para complementar a questão do pouco retorno financeiro da obra, a declaração de Wanderley sobre a experiência de publicar um livro didático em Sergipe é elucidativa sobre as razões que levaram os autores a investir em uma empreitada tão onerosa. Ao lado de uma série de dificuldades, principalmente econômicas, o autor relata como é significativo para ele o ato de escrever manuais:

O lucro é mínimo, pois o que sobra do capital de giro é pouco e sempre dividido. Do ponto de vista econômico não valeria a pena tanto trabalho para um retorno tão pequeno. Fazemos porque gostamos, porque é necessário, porque nos engrandecem como pessoas e como profissionais. Esse trabalho é um desdobramento daquele realizado em sala de aula. Somos professores que escrevem. Experiências ímpares. Somos privilegiados, porque poucos o fizeram ou conseguiram publicar o que produziram. Sentimos o peso da responsabilidade de criar materiais didáticos usados por dezenas de milhares de pessoas, de sermos referências no estado. E ao mesmo tempo o sentimento confortante do dever cumprido, da contribuição para o conhecimento específico e regionalizado (CÔRREA, 2008).

Voltando ao nosso ponto principal, é apenas entre 2003 e 2005 que os autores sentem-se com fôlego para encaminhar uma versão para o Ensino Fundamental e começam a resgatar todo o projeto inicial, revisando atividades e textos principais, tanto do volume de Geografia como o de História, suprimindo a carência de material sobre Sergipe. E utilizando o mesmo esquema de distribuição e divulgação dos livros anteriores por meio de visitas às escolas públicas e particulares, apresentando o material e ministrando palestras aos alunos.

Quando nos cansamos de conversar com as editoras, resolvemos fazer as publicações de maneira independente. Juntamos nossas parcas economias e investimos na correção gramatical, editoração eletrônica e na primeira parcela da impressão. Negociamos com os donos da gráfica o pagamento parcelado em quatro ou cinco prestações para serem pagas com a venda dos livros. Felizmente honramos nossos compromissos. E é assim até hoje (CÔRREA, 2008).

Mais uma vez, o custo da produção, desde a diagramação até a impressão mostrou-se um obstáculo, fazendo com que os autores investissem mão de artifícios para contornar as questões financeiras, como procurar amigos que cobriam mais

barato para diagramar o livro em detrimento da pouca experiência com os programas de diagramação. Isso levou os autores a assumirem essa etapa de produção ao lado do designer, dialogando constantemente e tendo interferência direta no projeto gráfico da obra, visto que conheciam o “caminho das pedras” pela experiência das publicações anteriores. Essa iniciativa também se justifica em parte pela idéia sobre o profissional de diagramação que os autores queriam, sendo que para eles “no processo de diagramação, na cabeça da gente, o diagramador é um técnico que sabe mexer no programa”.

Ainda sobre a questão dos custos, a falta de apoio dos órgãos educacionais chegava à negação de patrocínio de materiais em quantias ínfimas. O único apoio que teve foi das livrarias, por meio da confecção de cartazes e marcadores de página, trocados pela exclusividade na venda dos primeiros mil exemplares. Depois de receber negativas de patrocínio nos órgãos do estado, os autores decidiram partir para o setor privado.

Considerações Finais

A obra *Sergipe Nossa História* percorreu um longo caminho, desde o primeiro texto em 1996 até a sua quarta impressão em 2008, que dura mais de dez anos. Os autores percorreram o caminho contrário ao das grandes editoras, acumulando etapas de produção, desde o texto até a divulgação, enfrentando dificuldades de patrocínio e se auto-financiando.

Isso não significa que os autores devam ser vistos como “Dom Quixotes” que lutam contra o poder das grandes editoras, visto que, o diálogo com elas foi feito. As declarações dadas pelo professor Marcos Vinícius são um exemplo da dificuldade que o material didático de História de Sergipe enfrenta para ser publicado.

A partir de entrevistas com os autores do livro *Sergipe Nossa História*, trabalhamos a relação entre autores de livros didáticos e o meio editorial. Desejamos contribuir para esclarecer ainda mais esse tema que ainda é pouco estudado na historiografia educacional.

O trajeto da obra *Sergipe Nossa História* mostra que, em um estado que está fora do interesse das grandes editorasⁱⁱ, o caminho para sua elaboração de uma obra didática vai em contramão ao que é apresentado por outros autores, como Kazumi Munakata (1997) e Décio Gatti Júnior (2004). Mesmo que uma obra didática seja fruto de um trabalho que

envolve vários profissionais, responsáveis por cada etapa da produção, na qual muitas vezes o autor é apenas mais uma agente do processo (cf. MUNAKATA, 1997), a obra mencionada não dispõe de um corpo de profissionais específicos para a tarefa, sendo que boa parte das etapas de produção está concentrada nas mãos dos autores. Os autores de *Sergipe Nossa História* acumulam as funções escrita e revisão de seu próprio texto e foram responsáveis por financiar sua própria obra, comercializá-la e distribuí-la nas escolas.

Em outros trabalhos poderemos desenvolver debates sobre as relações entre conteúdo escolar e métodos de aprendizagem expressos nessa literatura pedagógica, as relações dos autores com o Estado, as articulações entre conteúdo e livro didático como mercadoria, os vínculos entre políticas públicas educacionais e os processos de escolha desses livros pelos professores e sobre os usos das obras didáticas pelos professores e alunos.

ⁱ A entrevista com o autor foi realizada na tarde do dia 08/08/2008, na Secretaria de Educação do Estado.

ⁱⁱ O maior exemplo disso é o fato de que Sergipe é um dos poucos estados que não possuem obras aprovadas no PNLD.

Referências

ALBERTI, V. **História Oral**: a experiência do CPDOC. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1990. 197 p.

ALMEIDA, Leonardo Pinto. **A função-autor**: examinando o papel do nome do autor na trama discursiva. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/fractal/v20n1/a21v20n1.pdf> Acesso em: 14 set. 2010.

ANJOS, Marcos Vinicius Melo dos. **Entrevista concedida a Kléber Rodrigues Santos e Kleber Luiz Gavião Machado de Souza**. Aracaju, 15 ago. 2008.

BITTENCOURT, Circe Maria. **Ensino de História**: fundamentos e técnicas. São Paulo: Cortez, 2004.

BRAGA, Paula Lou Anne Matos; FREITAS, Fabiano Junqueira de. **Questões introdutórias para a discussão acerca da memória e da história**. Disponível em: <<http://www.historica.arquivoestado.sp.gov.br/materias/anteriores/edicao13/materia03>> Acesso em: 15 set. 2010.

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. **Guia do livro didático 2007**: História - séries iniciais do ensino fundamental. Brasília: Ministério da Educação/Secretaria de Educação Básica, 2006.

-
- _____. **Guia do livro didático 2007: História - séries iniciais do ensino fundamental.** Brasília: Ministério da Educação/Secretaria de Educação Básica, 2006.
- CHARTIER, Roger. **A História Cultural.** Rio de Janeiro: Bertrand, 1990.
- _____. **A história ou a leitura do tempo.** Trad: Cristina Antunes. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.
- _____. **Morte ou transfiguração do leitor?** In: CHARTIER, Roger. **Os desafios da escrita.** São Paulo: Editora UNESP, 2002.
- CORRÊA, Luis Fernando de Melo; CORRÊA, Antonio Wanderley de Melo; ANJOS; Marcos Vinicius de Melo dos; **Sergipe nossa História: ensino Fundamental.** Aracaju, Info Gráfico's, 2005.
- CORRÊA, Antonio Wanderley de Melo. **Entrevista concedida a Kléber Rodrigues Santos, Kleber Luiz Gavião Machado de Souza e Diogo Francisco Cruz Monteiro.** Aracaju, 27 out. 2008.
- DARNTON, Robert. **A questão dos livros: passado, presente e futuro.** São Paulo: Companhia das letras, 2010.
- FOUCAULT, Michel. **O que é um autor?** (1969) Trad: Inês Autran Dourado Barbosa. In: FOUCAULT, Michel. **Ditos e escritos III: Literatura e pintura, música e cinema.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.
- FREITAS, Itamar. **O livro didático de História de Sergipe.** In: _____. **Historiografia Sergipana.** São Cristóvão: Editora UFS, 2007, p. 58-61.
- _____. **Livro didático de História: definições, representações e prescrições de uso.** In: Oliveira, Margarida Maria Dias de; Oliveira, Almir Félix Batista de. (org). **Livros didáticos de História: escolhas e utilizações.** Natal: EDFURN, 2009.
- _____. **História regional para a escolarização básica no Brasil: o texto didático em questão.** São Cristóvão: editora UFS, 2009.
- MONTEIRO, Diogo Francisco Cruz. **A História e a sua produção didática sobre Sergipe: a iniciativa de Acrísio Tôrres Araújo.** São Cristóvão, 2008. Monografia (Licenciatura em História) - História. Departamento de História, Universidade Federal de Sergipe.
- MUNAKATA, Kazumi. **Produzindo livros didáticos e paradidáticos.** São Paulo, 1997. Tese (Doutorado em História e Filosofia da Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- SÁ, Fernando. **História e memória na era das comemorações.** In: _____. **Combates entre História e memórias.** São Cristóvão: Editora UFS, 2005.